



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17637 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 10 - Alfabetização, Leitura e Escrita

#### A LITERATURA NA ESCOLA DO CAMPO E O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DA CRIANÇA

Sirlane de Jesus Damasceno Ramos - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas  
 Ana Luiza Bustamante Smolka - FACULDADE DE EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

#### A LITERATURA NA ESCOLA DO CAMPO E O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DA CRIANÇA

Esse trabalho, é fruto da vivência empírica de uma pesquisa de doutorado, que tem como objetivo estudar o desenvolvimento cultural das crianças em uma escola pública do campo, privilegiando a literatura no trabalho pedagógico de alfabetização, leitura e escrita, no contexto pós-pandemia. A pesquisa de inspiração etnográfica e fundamentada no método microgenético da perspectiva histórico-cultural, foi realizada em uma sala de aula multissérie. No processo de participação, diálogos e interações, durante a realização de oficinas literárias, relatos da professora indicavam as dificuldades de aprendizagem de algumas crianças. Dentre essas crianças, o caso de José é exemplar. Segundo a professora é um aluno que: “[...] não termina as atividades, ele fala: “não vou fazer, não quero mais, tô cansado”, nem quando é prova, ele vê os colegas saindo e também quer sair. [...] “É mais déficit de aprendizagem porque ele aprende e esquece [...] “tem déficit de aprendizagem, imperatividade”, [...] vai ficar reprovado” (PR, 2023).

A abordagem histórico-cultural de Vigotski (1991), possibilita-nos outras formas de interpretação do comportamento de desinteresse e inquietude de José na escola, assim como também indica outros modos de mediar a relação da criança no processo de alfabetização, leitura e escrita, já que tal perspectiva concebe a formação da natureza psíquica da criança

como historicamente forjada na/pela produção cultural de signos e instrumentos, que vão significando a vida a partir de uma complexa teia de (inter)relações com o outro. O outro, portanto, assume um papel imprescindível no processo de aprendizagem e desenvolvimento individual da criança, ao inseri-la no mundo da cultura, desde os primeiros momentos de seu nascimento. Assim, portanto, o comportamento de José não pode ser compreendido isolado de um contexto social, mas como histórico, produto e produtor de cultura, que se constitui no material concreto, elaborado em um determinado tempo histórico, do qual também é constituidor.

Quem é José? Quais as suas condições e história de vida? As respostas para as questões têm como base os diálogos que foram estabelecidos entre pesquisadora e professora, pesquisadora e aluno, durante o período da pesquisa de campo. Algumas informações são relevantes para problematizarmos os comentários da professora.

Vejam: José, 10 anos de idade, está no 4º ano. Mora com a avó materna. A mãe foi para outra comunidade com o atual companheiro. O pai o deixou quando era bebê. A professora reconhece que a falta de apoio familiar repercute na sua aprendizagem: “Ele mora sozinho com a avó, ela não consegue ajuda-lo porque é analfabeta e tem problema de visão”.

A avó tem a aposentadoria como fonte de sustento, “Eu ajudo ela a varrer a casa, eu ajudo ela lavar a louça” (J., 2023). José tem acesso ao smartfone da avó, a internet compartilhada da casa da tia. José chegou à escola com indicação de déficit de atenção, mas não tem diagnóstico que comprove. O argumento se sustenta no fato de ainda não saber ler.

O relato de uma situação vivenciada em uma das oficinas literárias pode abrir outras possibilidades de interpretação do aluno. Ao ser perguntado se conhecia alguma lenda, José responde que sim e narra sobre a lenda local: “É de uma mulher, ela andava por ai, ai ela acabou caindo uma vez na ponte, ela morreu e perdeu a sandália dela, ela pergunta de noite se alguém viu a sandália dela, todo mundo tem medo”. “E como que começa a história?” José diz: “Era uma vez”. A pesquisadora questiona: “Você sabe escrever era uma vez?” José responde que sim, e vai escrevendo no caderno: “o e?” A pesquisadora confirma e ambos vão elaborando em conjunto a escrita da palavra enunciada pelos sentidos das experiências do aluno.

Em vários momentos José pergunta como se escreve uma palavra e por inúmeras vezes não faz separação entre elas; escreve usando letras minúsculas. Mas é ele quem vai encaminhando sua escrita, contando como aconteceu o fato que gerou a lenda, assumindo sua narrativa, inclusive contestando sugestões da pesquisadora.

A literatura na escola do campo mostrou-se reveladora de possibilidades não antes vistas; as formas de mediação do outro - da pesquisadora, dos livros, das fábulas, lendas – evidenciaram outros modos de participação efetiva do aluno nas atividades escolares – interesse, escuta atenta, tentativa de escrita, oralidade fluente e coerente na contação de histórias. Como podemos perceber, José, em condições de vulnerabilidade socioeconômica e

ainda carregando marcas de uma educação em tempos de pandemia, assume um diferente comportamento na vivência literária, empolgado, curioso, atento, participando ativamente das atividades propostas.

Uma participação que se torna ainda mais viva, pela possibilidade de uma escrita que narra, (re)conta, imagina e cria coletivamente uma literatura marcada pela identidade de uma comunidade rural. Através das lendas a vida ganha significado na aprendizagem, mobiliza interlocuções e interações; o aluno ocupa “papéis de leitor e de escritor, narrador, protagonista, autor, sendo interlocutor, alguém que fala e assume o seu dizer. Nisso vão emergindo e explicitando não só funções, mas diversas “falas” e “lugares” sociais” (Goulart, 2017, p.106), a escrita ganha força no dizer da experiência. Essa tríade Professor - literatura – Criança, nas relações de ensino, provoca e convoca a criança a vivenciar a alfabetização na/e pela linguagem, como prática social (trans)formadora.

**PALAVRAS CHAVE:** desenvolvimento humano, literatura, escola do campo

## **REFERÊNCIAS**

GOULART, M. C. Estudo do discurso como referência para processos de alfabetização em perspectiva discursiva. In: Alfabetização como processo discursivo: 30 anos da criança na fase inicial da escrita. São Paulo, Cortez, 2017.

VIGOTSKI, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psíquicos superiores. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.